

PEIXE-ALECRIM, PEIXE-PECADO

MARISA

Sandra Lyon

Faculdade de Medicina — 4º ano

Peixe-lua: a isca, chumbada, o anzol. A tarrafa, foi explicando seu Abílio, é para apanhar os peixes miudinhos que servirão mais tarde de isca. Vivia para distâncias e caminhos por demais sabidos daquelas águas que ele deveria percorrer em cada dia: peixe-roda. O rio cantava nas pedras, entrelaçando-se em galhos e canoas, e segue a lamber as ribanceiras. Ali, seu Abílio, peixe-rei, conhecia tudo, palmo a palmo, farejando até o leito das pedras que permitia aos peixes uma desova segura. E ele, velho pescador: peixe-boto.

Peixe-leque: enquanto espalhava o olhar na distância, ele pensa na negra Efigênia, peixe-mulher, em sua casinha. Os olhos vermelhos, peixe-pimenta, curvada, ela incha as bochechas e sopra a brasa viva, engole fumaça. Então, afasta-se um pouco do calor da quentura e pragueja, coça os olhos e novamente castigando os pulmões de forma impiedosa até a chama brotar fazendo cócegas no fundo da panela de barro. Ia, depois, à fonte apanhar uma lata de água enquanto a panela de feijão fervia sobre a trempe e o pedaço de traíra escorria o tempero nas brasas.

Peixe-sol: os canoeiros deslizam pelo corpo do rio, os remos já suspensos procurando os robalos presos nas linhas. Seu Abílio amiúda os olhos sondando a altura do sol e diz que é preciso aportar. Peixe-cão, o companheiro corre ajudando-o a puxar a rede de onde os peixes saltam e escorre

a água. O vozerio vai enchendo a enseada do rio, peixe-briga, enquanto a pesca é dividida para a venda. Ele, peixe-gato, fiscaliza separando dois curimatãs que Efigênia receberá silenciosa, sabendo que devem ser preparados no exato tempo e sal.

Peixe-sapo: o areal se perdia desolado, estendendo-se sob o sol e manchava-se mais adiante pela sombra do rancho onde seu Abílio guarda as ubás, os covos de taquara, varas, linhas, anzóis e o tear para as redes. Quando já noite fechada, os pescadores são apenas vultos subindo a vertente do rio e, então, põem-se a contar com línguas de fogo as suas estórias mordidas por muitas cicatrizes. E trazendo na pele o gosto de escamas de peixe, eles. O cardume de mandis, que agitara feroz por largo tempo num vaivém obstinado, agora é torturado dentro de cestos e caçuás. E mais: ali apenas a brasa dos cigarros abrindo caminho dentro da escuridão, o rumorejar das águas, o vozerio dos homens. E só.

Peixe-aranha: e após o jantar, o escuro cerrado envolvendo a casa, vem a hora de consertar o xadrez das redes. A luz da candeia, as mãos escuras de Efigênia trabalham céleres: navetas trançando os fios, e também seu Abílio se perde no emaranhado da rede, concentrado. Então, Efigênia sente nas costas o olhar queimante de Arnaldo, o enteado, e disfarça. Ele arrasta os pés até a janela, onde se debruça, preparando um cigarro recheado de fumo de rolo. Assim, procura nos pensamentos um remédio para aliviar, amansar aqueles impulsos do seu corpo vadio. O pai pergunta onde irá àquela hora e ele não responde, mas, ao mesmo tempo, gira a taramela da porta e sai deixando na escuridão pesada o rastro de fumaça de cigarro a esgarçar-se.

Peixe-borboleta: seu Abílio levanta antes do sol e enquanto prepara a mochila, Efigênia, na cozinha, já frigia os ovos. Onde estão os cestos? Antes de sair, entrega a ela o dinheiro para ir à cidade comprar mantimentos. E ainda da porta gritou, sem se voltar, que Arnaldo fosse com ela.

Peixe-tigre: suado, ele vem lá de fora, onde estivera rachando lenha e atira os tocos de madeira sobre a taipa do



fogão. Debruça o olhar em Efigênia, peixe-madame, segurando-lhe os braços com punhos firmes. E como fera acuada, as linhas do rosto dela endurecem, empurra-o, grita e pragueja. Assim, desata aquele choro fácil, as mãos protegendo

os olhos e, depois, ela escuta os passos de Arnaldo, peixe-canga, afastando-se sem pressa.

Peixe-homem: ali no ribeirão Efigênia molhou o rosto e as lágrimas na água fria. O regato descia do alto da vertente entre pedras e engrossava, lá embaixo, o corpo do rio, o veio de água que brotava dos grotões úmidos. Súbito, as touceiras de capim balançaram e ela ficou à espreita. O rosto moreno de Arnaldo apareceu num sorriso largo, trocaram olhares ferozes. Ele, peixe-branco, avançou firme, decidido, e Efigênia sentiu o peso morno e macio de um corpo sobre o seu. A sombra dos vultos dançou nas touceiras e sumiu.

Peixe-anjo, peixe-agulha, peixe-do-paraíso, peixe-rato, peixe-curvo, peixe-da-china, peixe-congo, peixe-cobra, peixe-boi, peixe-verde, peixe-vermelho, peixe-pau, peixe-pedra, peixe-tamarindo, peixe-gato, peixe-cão, peixe-bravo, peixe-zorro, peixe-voador, peixe-espada, peixe-pena, peixe-sol, peixe-lua, peixe-rei, peixe-roda, peixe-leque, peixe-cravo, peixe-prego, peixe-homem, peixe-mulher.

Peixe-homem e peixe-mulher.

Peixe-tordo: desde então, muitas luas têm vigiado o céu. Assim, seu Abílio vem acompanhando o regime das águas, sondando-lhe a cor investiga o cardume. E é mesmo assim: até hoje a água o comove com sua transparência, peixe-prata. (Como pode o peixe vivo viver fora d'água fria/Como pode o peixe vivo viver fora d'água fria/Como poderei viver/Como poderei viver/Sem a tua, sem a tua, sem a tua, companhia/Sem a tua, sem tua, sem a tua companhia). Em casa, sentado no tamborete junto à candeia, ele se preocupa com as gerações das chuvas, fala e fala, espera a hora de dormir. Peixe-espada-lírio. Arnaldo começa a cantar sob o olhar distraído do pai e Efigênia, próxima, é um apelo morno na noite. Mas ele não se ilude, sabe que deve esperar o dia chegar quando ela vem, chega, transforma-se, desnuda-se, enrosca-se junto a ele.

Peixe-rato: alguém armou-se de bastante maldade e pingou nos ouvidos do seu Abílio notícias cheias de malícias. Então, ele, peixe-cobra, concentrou nos olhos toda a cólera que pôde reunir e jurou vingança. (Os pastores desta aldeia já

me fazem zombaria/Os pastores desta aldeia já me fazem zombaria/Por me verem assim chorando/Por me verem assim chorando/Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia/Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia). Obstinado, e com um brilho nos olhos e um tremor nas mãos, ele cumpria o mesmo ritual de todos os dias. Esperava, sem pressa, a hora de voltar, espiar e surpreender as touceiras de capim margeando o ribeirão. Ninguém, nem mesmo o rio, haveria de farejar essa sua volta, a mão dentro da camisa acariciava o cabo da faca. E bebia, já levando em suas entranhas o fogo.

Peixe-serra: naquela tarde Efigênia acendeu uns olhos assustados e perguntou a Arnaldo se ele também tinha escutado o piô de ave agourenta. Ele soltou uma gargalhada e falou zombando que não acreditava em coisas assim, ora veja. Enquanto Efigênia jurava maus presságios, a ave voou sobre a cumeeira da casa deixando ali o seu sinal de desgraça. O medo se estendendo em culpas, Efigênia apanhou ramos de alecrim, peixe-de-caixa, e espalhou por todos os cômodos da casa com seus modos sérios e de grande fé. (Alecrim, alecrim dourado/que nasceu no campo sem ser semeado/ai meu amor/ai meu amor/quem te disse assim, que a flor do campo é o alecrim?). De repente, o rosto de barba agreste toca a face de Efigênia e o medo dela vai desmoronando pouco a pouco. E Arnaldo sente que ela também se desmorona, peixe-mulher, e escoa entre os seus dedos como escorre a água, lânguida e doce.

Peixe-agulha: seu Abílio pisa forte com todo o peso do corpo, os passos retumbando a terra como cascos de animais. Pára às margens do rio e mergulha os pés na água enquanto diz entredentes que eles haveriam de lhe pagar caro. (Alecrim, alecrim aos molhos/por causa de ti choram os meus olhos). E com a raiva um pouco serenada, ele cravou várias vezes a faca na água transparente. E o rio, que cantava nas pedras, ante a ferida aberta em suas entranhas, riu aquele riso de escárnio: peixe-pedra.

E Peixe-mulher: caniço e samburá, tonel, chumbada, isca: peixe-alecrim, peixe-pecado.